

# As Cidades Moçambicanas em Tempos de Mudança: a Dupla Pressão da Globalização e das Mudanças Climáticas

## Mozambican Cities in Times of Change: the Double Pressure of Globalization and Climate Change

Zacarias Alexandre Ombe<sup>i</sup>

Universidade Pedagógica de Moçambique  
Maputo, Moçambique

João Carlos Mendes Lima<sup>ii</sup>

Universidade Pedagógica de Moçambique  
Quelimane, Moçambique

**Resumo:** Caminhando para o final da segunda década do século XXI, dois fenômenos de atuação planetária concorrem para a reestruturação das cidades moçambicanas: a globalização e as mudanças climáticas. Este artigo visa refletir sobre as novas centralidades que se registram nas cidades moçambicanas, os agentes e seus respectivos papéis na requalificação urbana. Através da análise da bibliografia sobre a matéria, seguido de trabalho de campo, foi possível concluir que as funções das cidades estão transitando das tradicionais cidades produtivistas para uma maior concentração em serviços de mediação das atividades caracterizadas pela atuação em rede ligados a finanças, comunicações e a governança global através, por exemplo, de ONGs. As atividades de coordenação relacionam-se com a exploração dos recursos naturais e a distribuição de uma gama variada de serviços de natureza social incluindo saúde, comunicações, produtos industriais, e mitigação dos impactos das mudanças climáticas caracterizados pelo uso das tecnologias da informação e comunicação e menor peso dado às infraestruturas físicas.

**Palavras-chave:** Cidades Moçambicanas; Reestruturação; Produtividade; Pós-Produtividade; Mudanças Climáticas.

**Abstract:** At the end of the second decade of the 21st Century two phenomena of planetary agency stand out in the process of restructuring Mozambican cities: globalization and global climatic change. The aim of this article is to reflect on new centralities sha-

---

<sup>i</sup> Doutor em Geografia. Professor Associado da Universidade Pedagógica de Moçambique, Maputo. zuyyaombe@hotmail.com

<sup>ii</sup> Doutor em Geografia. Professor Auxiliar na Universidade Pedagógica de Moçambique, Quelimane. jocarlima57@gmail.com

ping the re-qualification of Mozambican cities. By drawing on a review of the available literature and field work we demonstrate that urban functions are undergoing a transition from being productive centers to greater reliance on services including finances, communications and the expanding role of NGOs. These services are related to health care, communications and disaster management of the impacts caused by global climatic change. The use of information and communication technology and less dependence on heavy infrastructure is one of the new characteristics of the current activities coordinated by the cities.

**Keywords:** Mozambican Cities; Restructuring; Productivity; Post-Productivism; Climatic Change.

## Introdução

Este artigo constitui um convite à reflexão acerca de novas centralidades que surgem nas cidades moçambicanas movidas pela atuação de agentes com papéis diferenciados na requalificação urbana decorrentes de dois fenômenos com influência planetária, os quais concorrem para a reestruturação das cidades moçambicanas, nomeadamente a globalização e as mudanças climáticas.

A atuação e influência destes fenômenos originam processos similares em várias cidades, sejam médias, sejam pequenas e grandes, mesmo na metropolitana de Maputo, mas com peculiaridades que as tornam únicas considerando as *nuances* de cada lugar. Para a reflexão, abordamos duas cidades médias: a cidade de Chibuto, no sul do país, e Mocuba no centro.

O artigo é estruturado em três pontos, sendo o primeiro acerca da trajetória das funções tradicionais das cidades moçambicanas desde o colonialismo; o segundo versa sobre os desenvolvimentos pós-independência: o fluxo urbano da guerra e das calamidades; e o terceiro, por sinal o último, analisa a escassez de empregos produtivos e a emergência de serviços que definem novas centralidades

## A Trajetória das Funções Tradicionais das Cidades Moçambicanas desde o Colonialismo

As atuais cidades moçambicanas tiveram sua gênese no âmbito da expansão mercantil, concebidas na estratégia de penetração para o interior decorrido no fim do século XIX, após a conferência de Berlim, avançando depois para a ocupação efetiva do território visando desenvolver a economia colonial capitalista. Por isso, umas têm origem primordialmente militar. Enquanto outras foram autênticos entrepostos comerciais para servir de porto de embarque de produtos decorrentes de sucessivos ciclos coloniais, como ouro, marfim e oleaginosas, para alimentar o mercado que florescia em Portugal, para além de escravos para as américas. A Figura 1 ilustra a divisão política e administrativa de Moçambique, evidenciando as províncias, as cidades e vilas.



A ocupação efetiva possibilitou o definitivo controlo total econômico dos portugueses no período do Estado Novo de Salazar quando se colocava ênfase na produção da matéria-prima para as indústrias, inicialmente na metrópole colonial e mais tarde transferidas para as colônias, como Moçambique, para servir a uma população colonial que crescia continuamente, seja com a vinda de mais colonos, seja por nascimentos.

Por isso, tal como sucedeu no Brasil, descrito por Doralice Sátyro Maia (2017), segundo o qual a história de formação de cidades médias está ligada a atividades rurais, como pecuária bovina ou como fazenda e cultivo de café, o fato é que essas cidades surgiram “impulsionadas pela ocupação do território através da criação de gado, conjugada com a economia cafeeira e com a implantação de ferrovias” (MAIA, 2017, p. 29). Chibuto e Mocuba (Figura 2) tiveram a mesma origem, pese embora Chibuto estivesse ligada à produção de cereais (arroz) e Mocuba à produção de plantas fibrosas (sisal e algodão), para além da criação de gado bovino em ambas as cidades.

Do mesmo modo, como decorreu no Brasil colonial, em que é raro encontrar “o núcleo urbano que não tivesse origem associada a um curso d’água, a uma via de passagem ou ao longo de trilhas” (Maia, 2017:28), Chibuto e Mocuba foram edificados ao longo dos rios Limpopo e Licungo, respectivamente, bem como a vias de passagens para outros distritos e vilas.



Figura 2 – Mapa da cidade de Chibuto (A) e Mocuba (B) nas margens de rios.

Fonte: Google Earth.

No caso de Mocuba, esteve ainda associada à ferrovia que levava diversos produtos e pessoas à cidade de Quelimane, capital da província da Zambézia e ao respectivo porto. Com essa facilidade, ferrovia e estrada, cedo Mocuba começou a exercer uma função de capital regional ao ligá-la a distritos vizinhos para colocarem seus produtos agropecuários, que depois seguiam ao porto de Quelimane, ou a norte para Nampula.

Desse modo, Mocuba constituiu um nó de entroncamento onde é quase obrigatório passar por ela para quem pretende deslocar-se de norte a sul, de este a oeste e vice-versa, daí o *slogan*: Mocuba onde todos caminhos se cruzam e Moçambique se abraça (Figura 3).



Figura 3 – Placa de Entrada à Cidade de Mocuba.

Fonte: LIMA (2014).

No Chibuto, por exemplo, devido a sua posição no Centro da Província de Gaza, surgiu um entroncamento de transportes rodoviários, facilitando a penetração da economia mercantil para o interior, permitindo a aquisição de produtos agrícolas para o seu processamento primário e envio às indústrias em Maputo. Os produtos mais a destacar nesse processo de comercialização são algodão, arroz, amendoim, feijões, rícino e caju.

Em 1949, foi instalada uma fábrica de processamento de arroz, cujo produto era enviado para os povoados com grande concentração de população branca portuguesa nomeadamente, Maputo, Xai Xai, Maxixe e Inhambane (OMBE, 2016).

Contudo, as funções das cidades no país sofreram transformações históricas consideráveis desde então, ao passar-se por momentos de crise decorrentes da luta de libertação nacional, das sabotagens no período de economia socialista, a guerra de desaseis anos, esta que afetou grandemente a base produtiva, bem como os eventos extremos trazidos pelas mudanças climáticas até ao período atual, caracterizado por uma recuperação destas funções, algumas antigas tradicionais e outras novas que vieram a emergir.

Além disso, verifica-se que, na fase atual do desenvolvimento do país, algumas das funções das cidades adquiridas aquando da sua criação não foi possível recuperá-las, passados quase meio século de sua existência. Surge daí que novas funções e atividades econômicas estão a emergir com a identificação e avaliação dos recursos minerais, principalmente os hidrocarbonetos e início da sua exploração.

Num outro artigo recente (OMBE e LIMA, no prelo), referimos que, olhando para a realidade de Moçambique, a economia colonial havia definido a estrutura territorial que consagrava a regionalização para acomodar os seus interesses, instituindo a região Sul para se especializar como zona de reserva de mão de obra para a República da África do Sul (RAS). Mais tarde, com o crescimento das cidades, esta região passou também a participar na produção de alimentos para a população europeia baseada na então cidade de Lourenço Marques, atual Maputo. Por isso, a cidade de Chibuto, nos finais dos anos 1950 do século XX após a segunda guerra mundial, viu nascer a indústria de processamento do arroz, bem como se expandia a passos largos a criação de gado bovino para a produção de carne e de leite, que depois eram colocados na cidade capital colonial.

Destino diferente tiveram as regiões do Centro e do Norte, onde foram implantadas economias de plantação para produção de plantas fibrosas (sisal e algodão), do

coqueiro no litoral, do chá e do açúcar no interior, que tempos depois foram sendo diversificados. Para além destas culturas de rendimentos, estas regiões foram convertidas em áreas de produção de cereais para abastecer o mercado local, como forma de fornecer alimento à crescente mão de obra recrutada compulsivamente para trabalhar nas obras de construção de infraestruturas, tais como edifícios da administração colonial e de vias de acesso (estradas e caminhos-de-ferro).

A cidade de Mocuba, uma cidade média do interior, desenvolveu-se para constituir um autêntico centro de recepção e trânsito da produção da hinterlândia, que mais tarde viu serem erguidas algumas indústrias de processamento primário (descaroçamento do algodão e de serração de madeira), bem como serviu de um entreposto comercial ativo, um autêntico porto seco, que depois transportava os produtos, como referido anteriormente, por via férrea, para o porto de Quelimane e depois para a metrópole colonial.

No entanto, com a guerra dos dezesseis anos, entrou em declínio, tendo perdido a sua importância econômica. Vai daí que nesse período passou a desempenhar essencialmente, a função político-administrativo, mas nos dias de hoje está recuperando o seu lugar na contribuição da produção global da província da Zambézia, mais do que a capital Quelimane.

## **Os Desenvolvimentos Pós-independência: o Fluxo Urbano da Guerra e das Calamidades**

Em Moçambique, podem ser apontadas diversas causas para responder a questão da migração campo-cidade, que em certa medida influenciaram e reestruturaram as cidades coloniais decorrentes da passagem de três “pós”, onde se pode visualizar sequelas marcantes, as quais podem ser consideradas desafios para a sua gestão e planificação para o desenvolvimento.

Para os propósitos deste artigo, os três “pós” que abordamos são: o pós-colonial, o pós-economia centralizada e o pós-conflito armado, tomando duas cidades médias de Moçambique – a cidade de Chibuto a sul e Mocuba no centro.

O primeiro refere-se ao período pós-colonização de Moçambique, decorrente da proclamação da independência nacional, como resultado do triunfo da luta de libertação nacional. Consideramos como primeiro período de análise em virtude de as cidades possuírem traços e configurações específicas, na medida em que parte da sua morfologia reflete aquilo que foram tais cidades, no auge do colonialismo. Esse traçado obedeceu quase sempre a fisionomia das cidades da então metrópole colonial, procurando construir edifícios que reproduzisse fielmente a sua arquitetura. Na verdade, podem ser vistos vários edifícios com janelas pequenas numa região com clima quente, onde por adaptação a geodiversidade deveriam ser largas e mais altas para conferir maior circulação da brisa noturna e matinal.

Esta situação manifesta-se ainda no espaço urbano com a presença de embriões de CBD's abandonados logo depois da independência, devido ao colapso do sistema econômico de então. Outros elementos são espaços públicos verdes (EvP), usados para lazer tais como: jardins abandonados, praças, reservas do Estado, entre outros.

Esses espaços constituem autênticos territórios ausentes, em virtude do abandono que denotam. Abandono, entendido não como ausência de pessoas ou de uso, mas como declínio da atividade para a qual tinham sido concebidas e erguidas.

Para elucidar, temos em Mocuba a Pensão São Cristóvão e a Pensão Cruzeiro (Figura 4), lugares onde, para além de servir de hospedagem a colonos e a técnicos da administração colonial provenientes das vilas de Lugela, Namarrói, Errego, Gurué, Milange e Maganja da Costa, constituíam igualmente lugares onde os colonos se juntavam para estabelecer relações sociais e mesmo para acertar negócios ou para discutir e encontrar consensos com vista a sua participação na tomada de decisões da cidade (LIMA, 2016).



Figura 4 – Pensão Cruzeiro, antes (A) e depois (B).  
Fonte: Africa21.online.com (foto à esquerda) e João Lima (à direita).

Além desses, temos a piscina, que foi outrora um lugar bastante concorrido pelos colonos e militares coloniais, mas que hoje, devido ao seu estado de degradação acentuado, virou discoteca e bar, como mostra a Figura 5.



Figura 5 – Piscina de Mocuba no tempo colonial (A) e na atualidade (B).

Fonte: [www.google.com/ imgres.bp.blogspot.com.Fmocuba-piscina2.jpg](http://www.google.com/imgres.bp.blogspot.com.Fmocuba-piscina2.jpg) (à esquerda) e Lima (à direita).

Contudo, com o pós-colonial, tais pensões enfrentaram um declínio acentuado entrando em degradação, chegando até a ser encerrada, como foi o caso da Pensão São Cristóvão.

Encontramos, em Mocuba, outros lugares que ostentaram simbologias específicas, algumas das quais constituíram lugares de densidade simbólica, quer seja retórico, quer seja vernacular. Um desses lugares era a Praça Serpa Pinto (Figura 6), situada no entorno do edifício da Administração – espaço onde os colonos, juntamente com as suas famílias se juntavam para trocar conversa, trocar notícias da terra, ou mesmo para apanhar frescura da brisa nas tardes quentes. Dito por outras palavras, a retunda jogava o papel de centralidade da vila e depois da cidade de Mocuba.



Figura 6 – Praça Serpa Pinto (à esquerda) e Retunda da Junta (à direita).

Fonte: [www.google.com/imgres.bp.blogspot.com](http://www.google.com/imgres.bp.blogspot.com).

A questão de lugares que jogam papel de centralidade ou lugares de sublimação foi discutida por alguns geógrafos contemporâneos, como são os casos de Maria Encarnação Sposito (2005), Roberto Corrêa (2003) e Silva (2017).

No caso de Mocuba, a Praça Serpa Pinto desempenhou o papel de centralidade, no período colonial, pois era nela ou à sua volta que decorriam as paradas militares e as grandes reuniões públicas.

No entanto, o pós-colonial fez perder essa função de centralidade, inclusive foram retirados os bancos que haviam sido colocados, transferindo a função para a praça ao largo da margem sul da Ponte do Licungo.

A Estação dos Caminhos-de-Ferro é outro lugar que outrora jogou papel de centralidade na cidade de Mocuba, mas que ultimamente denota uma territorialidade ausente, porque o encerramento do transporte ferroviário e a conseqüente desativação da ferrovia conduziu à mudança da sua atividade vocacional, transformando-a em armazéns, onde comerciantes, grossistas e alguns retalhistas, guardam os produtos da comercialização, principalmente cereais e leguminosas (milho e feijões).

Em suma, o pós-colonial, recorda-nos o processo de ruptura das marcas e influências deixadas pelo sistema colonial e de opressão, para o período da libertação da *Terra dos Homens*.

O segundo pós refere-se ao pós-socialismo ou pós-economia centralizada, agora difícil de notar, mas que aqui e ali restam evidências da euforia da independência do País, tais como grafites, escritos e desenhados nas paredes e nos muros, enaltecendo os heróis da Pátria ou com palavras revolucionárias proferidas na época, as quais constituíam autênticas palavras de ordem para as cumprir, sem questionamento, tais como “Abaixo o Colonialismo”, “Viva a Independência Nacional”, “Viva o Homem Novo”, a “Luta Continua”, “A Vitória é Certa”.

O nome dos bairros em Chibuto, por exemplo, 25 de Junho, cujo nome deriva da antiga Aldeia Comunal 25 de Junho, veio juntar-se à cidade e transformou-se em bairro, do mesmo modo o bairro Samora Machel que também refletem este período. A Figura 7 reflete este período.

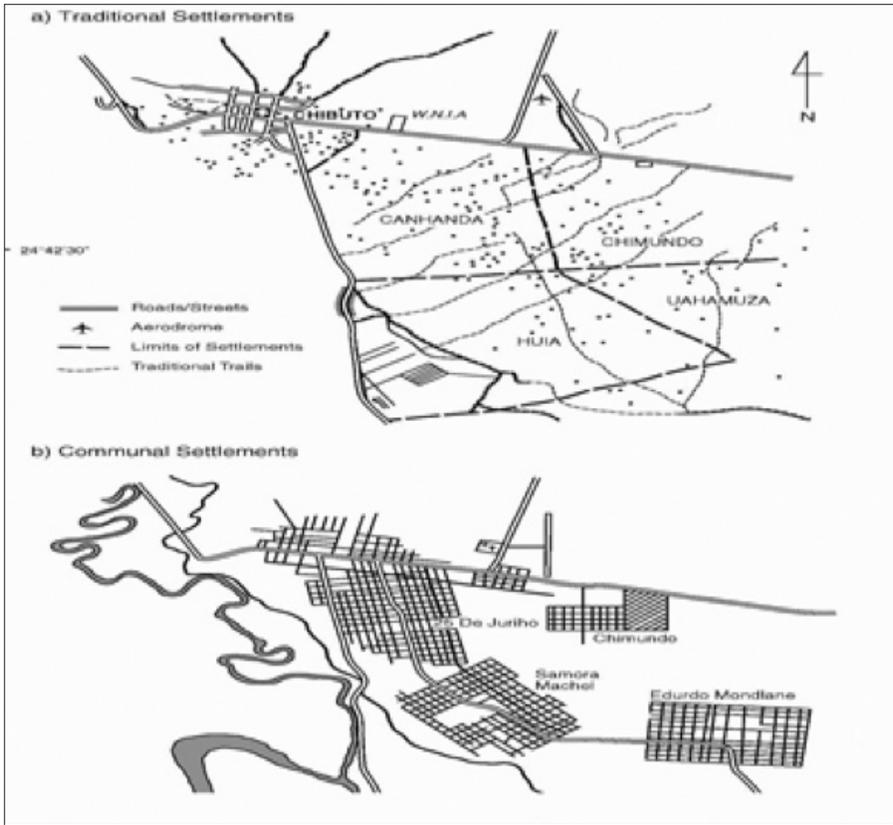


Figura 7 – Cidade colonial e a inclusão das aldeias no Chibuto.  
 Fonte: Ombe, 2006 e Imagem Google de 2017.

Em Mocuba, encontramos ainda desenhos em paredes de heróis da luta de libertação nacional, como de Eduardo Mondlane, o primeiro presidente da luta de libertação e de Samora Machel, presidente que levou a frente de luta à independência e, portanto, o primeiro presidente da república.

Para além destas, outra marca ainda visível podemos recordar a ocupação de residências sem respeitar a renda dos seus ocupantes incluindo a cultura do uso das suas comodidades. Neste caso, a ocupação das casas da *cidade de cimento*, algumas outrora de luxo, por pessoas de baixa renda, incluindo a sua superlotação, tendo em conta o tamanho da família, gerou uma rápida degradação, por um lado. Por outro, dada a elevada fecundidade desses novos moradores e da influência da própria cultura da família alargada, aumentou rapidamente o número dos moradores em casas que foram concebidas para albergar famílias pouco numerosas. Esse fenômeno pode ser utilizado para justificar a forte pressão exercida sobre as casas e toda a infraestrut-

tura da cidade, exigindo investimentos adicionais para manter condições condignas de vida.

Acrescentamos o fato de a nacionalização dos prédios e casas de aluguel ter trazido outros tantos problemas de gestão urbana, ligados com o saneamento, remoção dos resíduos sólidos e líquidos, abastecimento de água, eletricidade e mesmo de comida.

Foi desse modo que assistimos, nesse período, o uso do pilão no prédio e da banheira, que não servia para banho, mas sim para servir de horta, pois tinha água para umedecer o solo, bem como a retirada das tábuas de madeira do chão, que serviam de lenha para confeccionar as refeições.

No entanto, este período ainda é caracterizado pela decisão do Governo de conceder o direito dos moçambicanos que possuíam contratos de arrendamento para alienar as respectivas residências. Deste modo, os moçambicanos passaram a ter o pleno direito de usufruir tais casas.

Poucas décadas depois, uma boa parte desses proprietários de casas, em particular daqueles de baixa renda, iniciaram um processo de alienar esses imóveis a outrem, conhecido, na época, com o nome de *venda de chaves*. Este fenômeno, empurrou as pessoas de baixa renda para o subúrbio, que cada vez ficava mais distante da cidade de cimento. É assim que vão surgindo, um pouco por toda a parte, os bairros de expansão, a maioria dos quais estava desprovida das condições básicas de habitabilidade e de infraestruturas sociais urbanas. É este um dos motivos que pode ser usado para explicar a gênese de conflitos de terras, nas cercanias das cidades médias e grandes.

Como se pode depreender, o período pós economia centralizada nos faz lembrar o momento de passagem do sistema de orientação socialista para uma economia livre de mercado, mostrando os conflitos entre esses dois regimes e os diferentes modos de atuação e comportamento dos sujeitos, na cidade.

O terceiro e último pós que analisamos é o de pós-conflito dos dezesseis anos, o qual induziu um acentuado êxodo rural, ao trazer população das zonas afetadas pelas hostilidades para as cidades e vilas, locais que ofereciam maior segurança. Este período explica o crescimento rápido e a ocupação espontânea e informal das cidades principalmente as pequenas e médias, originando um acentuado adensamento nos bairros periféricos.

Em algumas cidades, como são os casos de Chibuto e Mocuba, ainda são visíveis as marcas do conflito, com a presença de material de guerra abandonado (caminhões, carros blindados), edifícios danificados em ações militares. Nos dias de hoje, já não se encontram nas redondezas das cidades, pois foram cortadas e vendidas como ferro velho a operadores que adquirem esse material para as revender na fábrica de fundição e produção de vigas de ferro para construção.

Com o término do conflito armado, esperava-se que os deslocados de guerra fossem regressar às suas terras de origem, o que não aconteceu na prática. Pelo contrário, a facilidade de circular pelo território nacional e a adoção da municipalização decorrente da política de descentralização acelerou ainda mais o êxodo rural-urbano. Esta migração está trazendo um novo fenômeno nas cidades, que Araújo (2003) e Bahia (2009) designaram de ruralização das cidades, os antigos moradores vêm todos os dias à cidade praticar o co-

mércio nas calçadas. Aliado a isso, ocorre a forte pressão nos poucos meios de transportes – ônibus – que em Moçambique são designados por machimbombo.

Para além desse motivo, verifica-se nesses bairros a presença de uma certa multietnicidade constituída pelos desmobilizados de guerra oriundos das diversas partes do país, alguns dos quais se juntaram em determinados bairros constituindo autênticas microterritorialidades.

A globalização trouxe igualmente suas influências, visto que as barreiras fronteiriças foram quebradas ou tornaram-se fictícias, já que circulam pelas cidades, médias e grandes, sujeitos de várias origens, de várias nacionalidades e de várias seitas religiosas. É assim que é comum em quase todas as esquinas da cidade de Mocuba visualizar comerciantes nigerianos, burundeses, paquistaneses e até chineses, que colocam contentores nas bermas das ruas e avenidas a vender peças de veículos, desde bicicletas, motos e até de carros de diversas marcas e potências. Outro que abraja loja de confecção de roupa, onde a marca típica é a malaia, as túnicas bordadas na gola e nas mangas.

Certas seitas religiosas iniciaram como momento de juntar conterrâneos para recordar as suas origens, que gradualmente começaram a empreender autênticas campanhas de angariação de crenças, tal e qual se faz no movimento de angariação de membros de partidos, associações e organizações filantrópicas e com carácter lucrativo (LIMA, 2016).

Finalmente, mas não o menos importante, devido aos eventos extremos, consubstanciados por desastres naturais tem estado a criar deslocações em massa da população rural para as cidades onde geralmente são criados os centros de acomodação. Eventos como cheias de 2000, 2010 e 2015 fizeram deslocar várias centenas de populares das margens dos rios Limpopo, em Gaza e Licungo, na Zambézia e em Mocuba, em particular fazendo com que os governos locais tenham de estabelecer áreas de expansão urbana, a maioria sem condições condignas de erguer a casa e morar.

As consequências decorrentes de mudanças climáticas contribuem para a produção de espaços urbanos com características diferentes das conhecidas até meados do século XX, quando os seus efeitos começaram a tornar-se realidade. A ocorrência de fortes enchurradas em períodos de tempo curtos tem provocado a aceleração da ação dos agentes erosivos bem como inundações em bairros de baixa altitude.

A inundação nos bairros cria hábitat propício para a reprodução de vetores transmissores de doenças hídrica, como a cólera e a malária. Está igualmente sendo registrado o aumento da temperatura, tornando os solos cada vez mais secos, o que dificulta a produção agrícola.

As Figuras 8 e 9 mostram os efeitos da cheia na dinâmica das margens do Rio Limpopo, em Chibuto e do Rio Licungo, em Mocuba.



Figura 8 – Fenômenos erosivos em Chibuto derivados de mudanças climáticas.  
Fonte: [www.africa21.online.com](http://www.africa21.online.com). Acesso em 1 jun. 2017.



Figura 9 – Fenômenos derivados de mudanças climáticas em Mocuba: A – Cheia; B – Fenômenos erosivos; Cheia de 2015 no rio Licungo.  
Fonte: [Africa21.online.com](http://Africa21.online.com).

Assim, todos esses aspectos quando adicionada a deficiente gestão dos resíduos sólidos tornam as cidades moçambicanas lugares bastante vulneráveis a doenças, principalmente para as camadas mais pobres. Ao mesmo tempo, as mudanças climáticas afetam a disponibilidade de água para o abastecimento da população (Quadro 1).

Quadro 1 – Resumo dos Três Períodos Avaliados nas Cidades de Chibuto e Mocuba.

Os Pós	Chibuto	Mocuba
Pós-Colonial pós 1974	Presença de infraestruturas abandonadas relacionadas com a economia produtivista colonial	Infraestruturas ligadas a economia colonial
Pós-Socialismo pós 1975-1987	Existência de bairros resultantes do período da socialização do campo	Casas mal mantidas no centro da cidade de pessoas de baixa renda
Pós-Conflito, pós 1983-1992	Presença de casas destruídas e de bairros de construção desordenada	Bairros de construção espontânea e informal

No entanto, um novo fenômeno está surgindo nas cidades moçambicanas relacionado ao surgimento das sucessões urbanas entendidas como um fenômeno decorrente da modernidade onde os sujeitos de classe média a rica, com certo poderio econômico, estão abandonando a cidade para formar novos bairros de expansão com um padrão alto de construção, surgindo até autênticas mansões, que destoam, por completo com as residências das redondezas (Lima, 2016).

Contudo, os que hoje empurram podem ser empurrados mais tarde por outros, porque os poderosos adquirem propriedade/benfeitorias de pessoas pobres e empurra-nos para lugares distantes da cidade ou mesmo para zonas de expansão. Mais tarde, esses novos proprietários vendem a benfeitoria a grupos econômicos maiores, e assim sucessivamente.

Este fenômeno assemelha-se a suburbanização ou *urban sprawl*<sup>11</sup> que ocorreu pela primeira vez nos EUA nos anos 1960 e rapidamente se propagou pelo mundo, onde os que possuem maior poder econômico procuram viver em lugares ambientalmente mais saudáveis.

### **Escassez de Empregos Produtivos e Emergência de Serviços que Definem Novas Centralidades**

Devido ao declínio, na década de 1980, das atividades produtivas nas cidades, decorrentes da crise financeira, onde considerável número de empresas caiu em falência, viram-se obrigadas a fechar as suas portas, o que se refletiu na conversão das antigas instalações em armazéns e escritórios para prestarem serviços que vão desde consultoria à terceirização das atividades econômicas.

Este fenômeno, quando conjugado com as sucessões urbanas, tem contribuído para a redefinição das centralidades antigas, pois na virada do século XX a centralidade nas cidades moçambicanas, em particular as médias, tem mudado em virtude da instalação de supermercados e bancos nas suas redondezas. Desse modo os lugares que outrora constituíam centralidade ou lugares de sublimação (SPOSITO, 2005) decaíram a favor de novas áreas, dado o papel que os novos atores de produção do espaço urbano desempenham.

Com relação à centralidade, Arthur Withacker referiu que o centro da cidade é uma forma espacial com conteúdo que se expressa em dimensões e níveis diversos. É “o local de encontros que pode ser contingente ou não, os quais o tornam espaço de apropriação e representação. Se é local de encontros, é local de confluências” (WITHACKER, 2017, p. 149). É assim que a Praça Serpa Pinto constituiu o centro da cidade colonial de Mocuba, pois era aquele lugar de encontros e confluências dos colonos que, no final do dia e início da noite, juntavam-se na companhia da família para saborear a brisa vespertina e noturna, trocar conversa e dar notícias da terra, quando recebiam alguma correspondência.

No entanto, a centralidade em Mocuba sofreu certas metamorfoses, na medida em que passou sucessivamente da Praça Serpa Pinto para a Praça Licungo, situada na margem sul da ponte sobre o rio de mesmo nome e depois para o triângulo que se estende do restaurante Fresquinha até a pensão Cruzeiro.

Outros agentes de produção do espaço surgem nas cidades médias de Moçambique, em particular nas de Chibuto e Mocuba, que definem novas centralidades ligadas com a implantação de investimentos de pequenas e médias empresas (PME) de distribuição e logística, responsáveis por aquisição de bens alimentares e de utilidade geral ou mesmo de prestação de serviços terceirizados para vários fins. Assim são as empresas de construção civil, de restauração, ou lugares onde certos grupos instalaram nos subúrbios autênticos salões de eventos para albergar festas (casamento, aniversários), de conferências ou reuniões, de restaurantes, entre outros.

Mocuba desempenha um papel de lugar de trânsito, pois praticamente é obrigatório passar por ela para deslocar-se do norte ao centro do país e vice-versa, portanto, constitui-se como um lugar de fluxos. Este fato confirma a abordagem de Whitacker, segundo a qual “os fluxos que para lá se dirigem e de lá partem não são apenas traduzidas nos deslocamentos de pessoas e veículos; são também os movimentos materiais e imateriais que conferem o centro da cidade uma dimensão econômica preponderante” (p. 149).

Em Mocuba, transitam viajantes, mas também comerciantes, na maioria professando diversas seitas religiosas, manifestando uma diversidade de culturas, por isso carregam a imaterialidade das suas convicções e manifestações, alguns dos quais difundem nos outros. Daí que se estabeleceram novas seitas religiosas que se juntaram as antes existentes e novas manifestações culturais, algumas das quais estão ligadas à indumentária, por exemplo o uso da burca, da túnica e veste indiano. Do mesmo modo, as novas centralidades podem incluir lugares de práticas religiosas como é o caso das igrejas Pentecostais, Universal do Reino de Deus e Maná que rapidamente se expandiram em Mocuba.

Assim o incremento e a difusão dos fluxos têm contribuído para a formação de centros e não apenas de um centro da cidade. Ao mesmo tempo que “há mais de um centro, porque encontram-se num mesmo território, expressões de centralidade que se manifestam também de modo cambiante e efêmero” (WHITACKER, 2017, p. 149). São os casos do centro econômico localizado em volta do supermercado Number One de chineses, da Fresquina ao Cruzeiro, Quinta Opincai, as empresas prestadoras de serviços de telefonia móvel e de internet café, entre outros. Deste modo, emergem várias centralidades sem um centro físico reconhecível mas que podem ser operados por vários agentes ligados a várias atividades.

Em ambas as cidades, encontramos a rede de telefonia móvel que inclui serviços de Banca móvel, Delegações de Instituições do ensino superior em regime presencial e a

distância (Universidade Zambeze, Instituto Superior de Gestão, Economia e Finanças, Instituto Cristão de Moçambique, Universidade Pedagógica e Universidade Católica, em Mocuba; Universidade Eduardo Mondlane e Universidade Pedagógica, no Chibuto). Surge também uma gama de serviços de montagem de sistemas satélites de televisão: DSTV, ZAP e Star Times; e de logística e de distribuição de vários tipos de mercadorias de consumo intensivo como bebidas alcoólicas e refrigerantes (Figuras 10 e 11).



Figura 10 – Chibuto e Mocuba da era digital com economia informal, vendo-se edifício sucursal da Movitel, empresa de telefonia móvel (Mocuba à esquerda e Chibuto à direita).  
Fotos: João Lima à esquerda e Zacarias Ombe, à direita.

Em Chibuto, permanecem as casas comerciais e serviço de transporte de passageiros antigas, assim como surgiram novas, como ilustram as fotos na Figura 11.



Figura 11 – Chibuto colonial com atividades formais em Chibuto: A – Oficina de autocarros; B – Mercado; C – Terminal semicoletivo. Fotos de: Zacarias Ombe (20.08.2017).

A coordenação das atividades de emergência perante cheias e secas, através do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) com as suas representações a nível provincial e distrital, constitui uma das novas funções de coordenação que as cidades médias adquiriram com o tempo. Esta atividade inclui a realização de treinamento em matéria de monitoria e salvamento das pessoas afetadas. As ONG's, nacionais e internacionais, encontram na governação distrital nas cidades médias os seus parceiros para o desenvolvimento das suas atividades. Das ONG's de maior visibilidade, podemos destacar a Visão Mundial, a Save the Children, os Médicos sem Fronteira e a USAID.

Existem ligações diretas, via transporte rodoviário por minibuses com a cidade de Joanesburgo, a partir do Chibuto, permitindo ligações através da rede de transportes locais com localidades no interior mais a Norte da cidade. A ligação com Joanesburgo

tem como origem o trabalho migratório para as minas da África do Sul, mas atualmente servem ao comércio informal transfronteiriço, principalmente de roupa, produtos pesqueiros e cosméticos que são vendidos em lugares, fixos e em regime ambulante incluindo encomendas pré-pagas de revendedores. Fenômeno semelhante está tomando proporções consideráveis na cidade de Mocuba que realiza comércio transfronteiriço com o Malawi.

Em Moçambique, estabeleceu-se uma teia complexa de relações entre os circuitos superiores e inferiores da economia onde, por exemplo, uma loja formal encomenda produtos importados informalmente via comércio transfronteiriço, alguns são vendidos na loja em regime formal, mas outros, se não a maioria, são entregues a revendedores informais que circulam pelas ruas, estes por sua vez podem fornecer a barracas formais existentes nos mercados alguns dos quais informais.

Assim sendo, em Chibuto e em Mocuba, podemos encontrar mais do que um lugar de encontro, um lugar de confluência, uma centralidade, considerando o tipo de encontro que as pessoas procuram no espaço para apropriação e representação.

## Considerações Finais

Como consequência do período colonial, encontramos em Moçambique muita infraestrutura de construções geralmente fabris abandonadas e, como consequência do socialismo, temos pessoas de renda baixa ocupando espaços nobres sem capacidade de manutenção, mas também uma toponímia que inclui nomes de dirigentes comunistas, como Fidel Castro, Ho Chi Min, Mao Tse Tung, Vladimir Lenin, Karl Marx, entre outros. Já no período de guerra é caracterizado por ocupações espontâneas e informais e/ou em espaços de riscos e de elevada vulnerabilidade as mudanças climáticas.

As funções das cidades estão transitando das tradicionais cidades produtivistas para uma maior concentração em serviços de mediação das atividades caracterizadas pela atuação em rede ligadas às finanças, comunicações e à governança global através, por exemplo, de ONGs. Esta transição constitui resultado de um processo histórico peculiar de sucessivas transições que ocorreram depois da independência, algumas das quais caracterizadas por rupturas radicais com o passado como o que aconteceu, por exemplo, com as nacionalizações das casas de arrendamento, a introdução das aldeias comunais e a guerra.

A emergência de novas centralidades e funções possui a característica de se relacionar com a globalização e a rápida informatização numa situação de elevada informalidade e forte dependência de investimento de capitais estrangeiros. Esta informalização da economia juntamente com a emergência das mudanças climáticas constitui séria ameaça à sustentabilidade das cidades moçambicanas.

## Referências Bibliográficas

BAIA, A. M. *Ruralidades na cidade de nampula: exercício teórico para crítica à cidade*, Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USp, São Paulo, 2004.

CORRÊA, R. L. Sobre agentes sociais, escalas e produção do espaço: um texto para discussão. In: *A produção do espaço urbano: agentes, processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. Construindo o conceito de cidade média. In: Sposito, M. E. B. (org.) *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

\_\_\_\_\_. Cultura, política, economia e espaço. *Espaço e cultura*, Uerj, n. 35, 2014. p. 27-32.

LIMA, J. C. M. *Plano de estrutura urbana de Mocuba*. Dissertação de Master en Planificación, Gestión Ambiental e de los Recursos Naturales, Fundación General da la Universidad Politécnica de Madrid, Cepade, Madrid, 2010.

\_\_\_\_\_. Os circuitos da economia e as desigualdades sociais em Mocuba: uma abordagem espacial e escalar. In: SILVA, W.R.; SPOSITO, M. E. B.; CALIXTO, M. J. M.; GUSMÃO, P.P. (orgs.). *Cidades médias, reestruturação urbana e redes*, Anais do III Simpósio Internacional Cidades Médias, UFRJ/ReCiMe, Rio de Janeiro, 2015.

\_\_\_\_\_. *Conflito entre na urbanização: as tradições das comunidades e o planeamento de Estado na cidade de Mocuba*. Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências da Terra e Ambiente, Universidade Pedagógica de Moçambique, Maputo, 2016

MAIA, D. S.; SILVA, W. R.; WHITACKER, A. M. (orgs.). *Centro e centralidade em cCidades médias*. São Paulo: Unesp – Cultura Acadêmica, 2017. v. 1. 290p.

MICOA, DINAPOT, *Plano de estrutura urbana de Mocuba*, Quelimane, 2005

SANTOS, M. *Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana em países subdesenvolvidos*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, UFRJ, 1979.

\_\_\_\_\_. *A urbanização brasileira*. 2. ed. São Paulo: UCITEC, 1993.

\_\_\_\_\_. *A natureza e o espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2002a. e 5. reimpr. São Paulo: Edusp, 2009 (Coleção Milton Santos).

\_\_\_\_\_. *A produção do espaço*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

\_\_\_\_\_. *Manual de geografia urbana*. 3. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2012.

SILVA, W. R. Centralidade, *shopping centers* e reestruturação das cidades médias. In: MAIA, D.S.; SILVA, W.R.; WITHACKER, A. M. (orgs.). *Centro e centralidade em cidades médias*. São Paulo: Unesp – Cultura Acadêmica, 2017. v. 1. p. 199-226.

Zacarias Alexandre Ombe e João Carlos Mendes Lima

OMBE, Z. A. *Environmental change in south central Chibuto southern Mozambique, 1965-2000*. Tese (Doutorado). Universidade de Witwatersrand, Johannesburgo, RSA, 2006.

\_\_\_\_\_. *Lagoa Ghorwane, lugar, nostalgia e aprendizagem*, UP, Maputo, 2013.

OMBE, Zacarias e LIMA, João Carlos Mendes. *Os três pós das cidades médias em Moçambique* (no prelo). Maputo, 2017.

\_\_\_\_\_. *Moçambique e o destino das cidades médias* (no prelo). Maputo, 2017.

SPOSITO, M. E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, M. E. B. (org.) *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: GASPERR, 2001.

<http://www.africa-turismo.com/imagens/mapa-mocambique>

Recebido em: 1/9/2017 Aceito em: 1/11/2017

---

<sup>1</sup> *Urban sprawl* é resultado da combinação da promoção de construções de vastas super autoestradas fazendo com que o automóvel seja o principal meio de transporte urbano e a criação de um mercado imobiliário (So e Getrels, 1980). Hanchett (2000) acrescenta como fatores que favorecem ao *urban sprawl* as iniciativas indiretas para a suburbanização dos subsídios federais para a construção dos sistemas municipais de esgotos, o relaxamento de taxas de mais-valia aos proprietários de imóveis resultantes do ganho de capitais na venda de casas.

# Requalificação Urbana e Novas Centralidades na Cidade de Quelimane, Moçambique

## Urban Re-qualification and New Centralization in Quelimane, Mozambique

Klayde Karmila Gaspar Evaristo<sup>i</sup>

Universidade Pedagógica de Quelimane  
Quelimane, Moçambique

João Carlos Mendes Lima<sup>ii</sup>

Universidade Pedagógica de Quelimane  
Quelimane, Moçambique

**Resumo:** Este artigo analisa a reestruturação urbana decorrente das atividades econômicas que vêm sendo desenvolvidas por os agentes econômicos na cidade de Quelimane. Nele, fundamentam-se a urbanização e a expansão da cidade; a dinâmica econômica e a produção do espaço urbano, a reestruturação da cidade, a difusão do comércio e dos serviços especializados, bem como as desigualdades e precariedades socioespaciais. O estudo procura demonstrar como são retratadas as questões relacionadas com as atividades econômicas, os agentes e papéis destes intervenientes no processo de reestruturação urbana. Para o efeito, foi usada a pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, tendo sido aplicadas entrevistas a respondentes-chaves para obter informação necessárias para a condução da pesquisa. Os resultados da pesquisa revelaram que a reestruturação urbana na cidade de Quelimane no passado recente decorreu de forma informal e espontânea e, ainda hoje, a produção do espaço urbano e as formas de sua expansão, é reflexo da conjuntura dos modelos de ocupação do mesmo; que as atividades econômicas de maior expressão nesse processo são as pequenas e médias empresas do ramo hoteleiro, de fornecimento de bens e serviços especializados, de comércio, de construção civil, de entretenimento e de transportes de passageiros, incluindo os táxis de bicicleta. O estudo sugere que, no processo de reestruturação urbana, o planificador físico seja mais cauteloso, rigoroso e minucioso para acomodar os interesses dos excluídos, bem como que o processo de reestruturação urbana e da expansão da cidade siga os modelos de requalificação urbana definidos não apenas nas normas instituídas no país, mas também os saberes locais, nesta era da globalização para acomodar os sistemas funcionais políticos, culturais e socioeconômicos.

---

<sup>i</sup> Licencianda em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Comunitário na UPQ. klaydekarmilageva0@gmail.com

<sup>ii</sup> Doutor em Geografia. Prof. Auxiliar na UPQ. jocarlima57@gmail.com